Renan deverá ter vitória tranqüila no Senado

Senador sela a paz com Sarney e obtém apoio de quase todos os colegas para se tornar o novo presidente da Casa

Roberto Stuckert Filho/6-12-2004

RENAN: habilidade e discrição para conseguir apoio quase unânime

Gerson Camarotti

• BRASÍLIA. Pelo histórico recente do Senado, marcado pela beligerância, chama a atenção o clima pacífico que caracteriza a sucessão na presidência da Casa. Enquanto na Câmara cinco candidatos se enfrentam na campanha mais acirrada desde a redemocratização, a situação no Senado é inversa: o líder do PMDB, senador Renan Calheiros (AL), deve ser o único candidato na eleição de 14 de fevereiro.

Renan conseguiu o que parecia impossível até novembro passado: ter o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), como principal cabo eleitoral e avalista de sua candidatura junto ao Palácio do Planalto. Até o fim de 2004, Sarney trabalhava nos bastidores para aprovar a reeleição e não escondia seu desagrado com a insistência de Renan em tentar substituí-lo.

A reviravolta ocorreu depois de uma longa conversa entre os dois, no gabinete de Sarney.

— Presidente Sarney, passei a noite pensando em como conduzir esta conversa. Mas vou cometer a ousadia de ser espontâneo: gostaria de ser o candidato do partido para a sua sucessão. Mas se isso significa constrangimento para o senhor, não serei candidato — disse Renan.

Renan admite erro e pede desculpas a Sarney

Surpreso, Sarney respondeu que não iria vetar a candidatura de Renan. Revelou, porém, que tinha ficado magoado com a atitude de Renan, que convocou a bancada do PMDB para tirar uma posição contrária à emenda da reeleição. O fato aconteceu em maio do ano passado e ajudou a derrotar a PEC da reeleição na Câmara.

— Presidente Sarney, esse foi o maior erro político da minha vida. Quero lhe pedir desculpas! — insistiu Renan, desarmando Sarney.

Aliados e adversários de Renan dizem que ele foi extremamente hábil. Hoje, sua eleição para o Senado é quase uma unanimidade. Ele deverá ter pelo menos 78 de 81 votos. Depois que recebeu a benção de Sarney, foi discreto. Viajou à Bahia, onde pediu apoio do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL). Também pediu pessoalmente o voto do senador tucano Tasso Jereissati (CE). Por fim, recebeu o aval do Planalto. ■

Reunião na casa de Eunício selou apoio do Planalto

Lula disse a Renan que não haveria veto a sua candidatura

• BRASÍLIA. Numa conversa recente com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na casa do ministro das Comunicações, Eunício Oliveira, o senador Renan Calheiros (PMDB-AL) teve a garantia de que não haveria veto do governo ao seu nome para a presidir o Senado. Pelo contrário. A conversa foi presenciada pelo atual presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP).

Também foi Sarney quem fez a reaproximação entre Renan e o chefe da Casa Civil, José Dirceu. Para vários senadores, Dirceu dissera ano passado que seria uma questão de honra evitar a eleição de Renan. No fim de 2003, Dirceu chegou a oferecer um ministério a Renan, se ele desistisse da disputa.

A habilidade de Renan, hoje tão comentada pelos seus colegas, foi uma característica adquirida no tempo de movimento estudantil, nos anos 70, em Alagoas, conta o amigo e ministro da Articulação Política, Aldo Rebelo, também alagoano. Como político profissional, Renan adaptou-se às circunstâncias: saiu da área de influência do PCdoB e tornou-se líder do governo Fernando Collor. Foi ainda ministro da Justiça de Fernando Henrique Cardoso e hoje é um importante interlocutor do PMDB no Planalto.

— Renan é muito hábil. Talvez seja o seu grande mérito. Ele sabe encarar e superar as adversidades e é capaz de aproximar os extremos na política — diz o presidente do PMDB, deputado Michel Temer.

Renan não deverá ter o voto da conterrânea Heloísa

Aldo lembra que, recém-eleito deputado estadual com o apoio do PCdoB, Renan teve que ter habilidade para sobreviver na Assembléia Legislativa de Alagoas, durante o regime militar.

— Não era fácil fazer política naquela época. Era preciso conciliar nossas lutas com o poder das oligarquias alagoanas e a repressão da ditadura. Acho que essa foi a grande escola do Renan, que ele continua usando até hoje — diz Aldo.

Um dos únicos obstáculos de Renan para obter uma votação unânime no Senado vem justamente de Alagoas. Apesar do bom relacionamento pessoal, a senadora Heloísa Helena (P-SOL-AL) sempre tem um pé atrás quando o assunto é Renan. No seu gabinete, ela exibe um pôster com todas as cobras nativas de Alagoas. Uma ganhou um apelido especial: a "serpente muriciense". Murici é a terra natal de Renan.

— Essa cobra é Renanzinho! — costuma dizer Heloísa.

Para Heloísa, o que muitos consideram habilidade é um grave defeito:

— Os camaleões da política sobrevivem mudando de cor e forma conforme as conveniências para se perpetuar no poder. Por isso, ando com o soro antiofídico no Senado. Não voto em ninguém que signifique a manutenção da promiscuidade entre o Congresso e o Palácio do Planalto — diz Helóisa. ■